

DIFERENÇA, CORPO E NARRATIVA: A VISIBILIDADE E A NÃO VISIBILIDADE DA DEFICIÊNCIA, RAÇA E SEXUALIDADE EM SIMON DICKEL

Ana Paula Barbosa-Fohrmann¹

RESUMO

Esta resenha se propõe a apresentar e descrever os principais tópicos, assim como apontar algumas críticas ao livro de Simon Dickel, *Embodying Difference: Critical Phenomenology and Narratives of Disability, Race, and Sexuality*, publicado em 2022. O livro se insere na tradição da fenomenologia e dialoga com o pós-estruturalismo e os estudos críticos. O autor se debruça sobre os temas da deficiência, raça e sexualidade e, como base empírica para a sua argumentação, recorre primariamente a narrativas literárias ficcionais e não ficcionais e, secundariamente, ao cinema.

PALAVRAS-CHAVE: fenomenologia; deficiência; raça; sexualidade; artes.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro. [ORCID](#)

DIFFERENCE, BODY AND NARRATIVE: THE VISIBILITY AND NON-VISIBILITY OF DISABILITY, RACE AND SEXUALITY IN SIMON DICKEL

Ana Paula Barbosa-Fohrmann

ABSTRACT

This review proposes to present and describe the main topics, as well as to point out some criticisms of Simon Dickel's book, *Embodying Difference: Critical Phenomenology and Narratives of Disability, Race, and Sexuality*, published in 2022. The book follows the tradition of phenomenology and dialogues with post-structuralism and critical studies. The author focuses on the themes of disability, race and sexuality and, as an empirical basis for his argument, he refers primarily to fictional and non-fictional literary narratives and secondarily to films.

KEYWORDS: phenomenology; disability; race; sexuality; arts.

Simon Dickel, Professor de Gênero e Diversidade na Folkwang University of the Arts, em Essen, na Alemanha, publicou o livro *Embodying Difference: Critical Phenomenology and Narratives of Disability, Race, and Sexuality* em 2022. Nessa obra, Dickel apresenta um enfoque interdisciplinar e relevante para os estudos empíricos, estudos raciais, de deficiência e de gênero. O autor transita entre a filosofia de matiz fenomenológica, o pós-estruturalismo, a literatura, o cinema e os estudos culturais para dar corpo à sua argumentação.

Sobre a estrutura do livro, ele se compõe de seis capítulos: o primeiro (pp. 1-20) e o último (pp.195-203) tratam da introdução e conclusão. O segundo (pp. 21-63) e o terceiro (pp. 65-113) endereçam um tema comum, que é a deficiência, intitulados “Deficiência e incorporação (*embodiment*)” e “Cegueira e percepção” respectivamente. No capítulo 4 (pp. 115-142), o autor se debruça sobre a “pretitude” (*blackness*)² e “visibilidade” e, no quinto (pp. 143-193), ele aborda a “homossexualidade” (*gayness*) e “invisibilidade”. É de notar que os capítulos 2 e 3 ocupam mais da metade do livro, enquanto que, em relação aos capítulos 4 e 5, Dickel se estende proporcionalmente mais sobre a questão da homossexualidade e invisibilidade (capítulo 5) do que sobre a questão da pretitude e invisibilidade (capítulo 4). Talvez essa escolha de prioridades se deva ao fato de o autor já haver se debruçado, em 2011, no livro *Black/Gay: The Harlem Renaissance, the Protest Era, and Constructions of Black Gay Identity in the 1980s and 90s*, sobre a construção identitária de ser *gay* e preto, preferindo ele, na obra de 2022, pôr acento nas deficiências física e visual em sua interrelação³ com a pretitude e homossexualidade em conjunto.

Sobre o conteúdo de *Embodying Difference*, Dickel investe nos estudos de deficiência e, a partir deles, dialoga com os estudos raciais e de gênero. Esse é um ponto bastante interessante, visto que, muitas vezes, percebe-se justamente o contrário, ou seja, parte-se dos estudos críticos, sobretudo de gênero e raça, para ir

² Dá-se, nesta resenha, preferência ao emprego do termo “pretitude” à “negritude” em virtude das experiências vivenciadas e narradas por Vincent O. Carter e James Baldwin sobre o uso do qualificativo “negro”.

³ Essa interrelação é fundamentada por analogia e não por interseccionalidade. O autor estabelece diferença entre uma e outra. Nas narrativas, comentadas por Dickel, por exemplo, Murphy, O’Brien e Linton observam que a deficiência física é como a pretitude, Kuusisto compara a cegueira à homossexualidade e Maupin equipara o nanismo à homossexualidade. A principal função das analogias traçadas nos textos depende da visibilidade ou invisibilidade da diferença, ao invés de enfatizar sua fluidez, a preliminaridade de suas fronteiras e a consciência de como elas são construídas, que parece mais dialogar com a interseccionalidade. Comparar Dickel (2022, pp. 199-200).

ao encontro dos estudos de deficiência, como se esses fossem um apêndice daqueles e investigáveis subsidiariamente a partir daquelas óticas.

Comentando agora a fundamentação, o autor combina a perspectiva filosófica, baseada na *Phenomenology of Perception* de Merleau-Ponty (2013), cujo original em francês é de 1945, com o pós-estruturalismo de Foucault e as visões dos estudos críticos raciais, de gênero e de deficiência. A fundamentação é trazida na introdução do livro, em que o autor argumenta a favor do resgate da experiência do corpo para a superação do embate sobre modelos de deficiências (Dickel, 2022). A experiência, arguida pelo autor, é a do corpo próprio que se orienta, por meio do movimento corporal, no espaço e no tempo, ao que a fenomenologia Merleau-Pontyana denomina de “esquema corporal” (*body schema*) (Dickel, 2022, p. 13). Todas as narrativas trazidas pelo autor, sua base empírica, contam como os corpos se incorporam no tempo e no espaço social. A isso, ele, com base em Merleau-Ponty, chama de *embodiment* (corporeidade, incorporação): “O *embodiment* combina a noção de que categorias de diferença, como deficiência, raça e sexualidade, são socialmente construídas com a persuasão de que são formas vividas de ser-no-mundo” (Dickel, 2022, p. 18). Ancorado nessa justificação, Dickel tenciona descrever e significar como ocorre essa ligação entre a fenomenologia e o pós-estruturalismo nas narrativas, especificamente nas memórias fictícias e não fictícias sobre deficiências e, ligadas a elas, sobre pretitude e homossexualidade. Assim, ele, de modo interdisciplinar e empírico, estabelece diálogos entre a filosofia, a literatura e os estudos culturais.

Partindo agora para o comentário dos capítulos, vão-se trazer à baila alguns tópicos dignos de nota. No capítulo 2, Dickel recorre a quatro livros de memórias, que narram as histórias de autores que são deficientes físicos (quadriplegia e paraplegia): *The Body Silent* do Robert Murphy (1987); *Flying Without Wings* do Arnold R. Beisser (1989); *How I Became a Human Being: A Disabled Man's Quest for Independence* de Mark O'Brien e Gillian Kendall (2003) e, por fim, *My Body Politic* de Simi Linton (2006). Dickel discute, entre outros, a necessidade de superação da dicotomia entre o modelo médico e o modelo social de deficiência. Apresenta, com base em artigo de Tom Shakespeare (2006), “*The Social Model of Disability*”, críticas ao modelo social, como negligência da deficiência como um aspecto importante da vida das pessoas com deficiência, a definição de deficiência como opressão e a distinção grosseira entre deficiência (médica) e deficiência (social). Traz ainda autores que, desde a década de noventa, constroem suas

perspectivas a partir da experiência vivenciada por corpos com deficiência. Entre outros, ele se debruça sobre Tobin Siebers (2008), *Disability Theory*; Bill Hughes e Kevin Paterson (1997), *The Social Model of Disability and the Disappearing Body: Towards a Sociology of Impairment*; e Bryan S. Turner (2001), *Disability and the Sociology of the Body*. Todos eles se ancoram nas concepções de esquema corporal e incorporação de Merleau-Ponty (Dickel, 2022). Igualmente também o faz David Morris (2014), em *“Body”*, segundo o qual a apreensão da deficiência a partir do modelo social ou da construção social é limitada no sentido de que um ou outro enfoca o corpo como uma construção através do discurso e do poder. O corpo com deficiência não é apenas produto desse tipo de construção. Como bem lembra Morris, em diálogo com Merleau-Ponty, o estar em corpo no mundo é precondição para a percepção e conhecimento. O corpo é uma entidade que precede a linguagem e a significação, que são características do discurso (*apud* Dickel, 2022).

Importante, ainda no capítulo 2, é a relação que Dickel estabelece entre o processo de incorporação e a empiria; no caso, a literatura de memória sobre deficiência: o primeiro se apresentando através da segunda. As narrativas selecionadas pelo autor se assentam no mundo social e expõem o processo de um corpo psicoorgânico se tornando sujeito social.

Dickel justifica ainda as interrelações e as analogias entre deficiência e raça. Tanto a quadriplegia, que atravessa as quatro narrativas desse capítulo, e a pretitude estão visivelmente marcadas no corpo. Para fundamentar essa parte do seu texto, o autor recorre ao livro de Goffman (1986) *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*, mas também a *Disability Theory* de Tobin Siebers (2008) e *Staring: How We Look* do Garland-Thomson (2009), assim como a Axel Honneth (2001), em artigo intitulado *“Invisibility”*, para o qual, recorda Dickel, a humilhação racista ocorre não só pela visibilidade, mas também por meio da invisibilidade, pelo “olhar que atravessa” a pessoa preta (*apud* Dickel, 2022, p. 53) em que ela deixa de existir no sentido social. Essa desumanização que ocorre com pessoas pretas também se apresenta no caso de pessoas com deficiência.

Dickel ainda se refere a outros autores como Eve Kosofsky Sedgwick (1990) e, mais uma vez, a Tobin Siebers (2008) para entender se há interrelação entre deficiência e homossexualidade. De acordo com Siebers (2008), o modo de adaptação (*passing*) social de pessoas com deficiência se mostra de modo distinto das pessoas *gays*, não porque as primeiras não estejam, como as segundas, num armário, mas sim porque a lógica da adaptação social das pessoas com deficiência

altera a lógica do armário. Para Dickel (2022), Siebers introduz o termo “mascaramento” para descrever como sucede essa adaptação. O mascaramento esconde um tipo de deficiência com outra ou a mostra por meio do exagero. Os exemplos dados por Siebers (2008) tratam de situações sociais em que pessoas com deficiências se relacionam com signos culturais da deficiência conscientemente, a fim de ganhar agência. Além disso, Siebers (2008) também trabalha o exemplo do mascaramento como apoio à ideologia da corporeidade capaz (*able-bodiedness*). Um exemplo disso são as narrativas em que a experiência de vida da pessoa com deficiência é compreendida pelo público leitor como uma história que mostra como uma deficiência pode ser “superada” em nome de se adaptar socialmente e ter o reconhecimento social dessa ação, desse esforço; como uma história, enfim, com a qual ele, leitor, com um corpo capaz, pode se espelhar para continuar dando significado à sua vida (Dickel, 2022).

Na última parte do capítulo 2, Dickel se debruça, ainda que brevemente, sobre a questão da quadriplegia/paraplegia, gênero e sexualidade. Para tanto, continua dialogando com Merleau-Ponty (2013). Ademais, recorre ao estudo sociológico de Wendy Seymour (1998), *Remaking the Body: Rehabilitation and Change*. Isso porque, no livro *Body Silent*, Murphy (1987) trata dos problemas sexuais de pessoas com paraplegia e quadriplegia. Já na narrativa de Beisser (1989), em *Flying Without Wings*, o mesmo tópico aparece de forma indireta, como o fato de sua esposa nunca ter ficado grávida, apesar do compromisso sexual de ambos nesse sentido. Saliente-se que ambos os homens se tornaram deficientes quando adultos e ambos continuaram a ter vidas sexuais. Essas duas narrativas, contudo, não correspondem à de O'Brien, *How I became a Human Being: A Disabled Man's Quest for Independence* (O'Brien & Kendall, 2003) e artigo para o jornal *The Sun*, “On Seeing a Sex Surrogate” (O'Brien, 1990), que se tornou deficiente quando criança e experienciou o sexo com uma substituta sexual chamada Cheryl. É relevante ressaltar que O'Brien se apaixonou por mulheres, mas também vivenciou sentimentos românticos por homens (Dickel, 2022). Também Linton (2006), em *My Body Politic*, embora não trate da intimidade envolvida na sexualidade, aborda a questão política aí envolvida. Na visão dela, deficiência e sexualidade têm o poder de desafiar o discurso normativo que negligencia a sexualidade com deficiência (*apud* Dickel, 2022).

Essas narrativas, argumentações e discussões trazidas neste capítulo, com base em Merleau-Ponty (2013) e autores da fenomenologia crítica, serão ampliadas

nos capítulos seguintes com suporte nas ideias de significado do sentido visual, hábitos perceptivos e uma discussão sobre as consequências das diferenças visíveis e invisíveis.

No capítulo 3, Dickel trata da deficiência visual. Para tanto, aponta na *Phenomenology of Perception* (Merleau-Ponty, 2013) qual é o significado do uso da bengala para o cego. Ancorado nos termos Merleau-Pontyanos (2013), “hábito motor” e “hábito perceptual”, Dickel (2022) interpreta o uso da bengala como sendo incorporado pelo sujeito, tornando-o parte do esquema corporal motor. Com suporte nesse exemplo, Dickel discute como a percepção é abordada em cinco livros de memórias e escritos por três autores cegos: *My Eyes Have a Cold Nose* de Hector Chevigny (1947); *The Two-in-One: Walking with Smokie, Walking with Blindness* de Rod Michalko (1999); e *Planet of the Blind* (Kuusisto, 1998), *Eavesdropping: A Memoir of Blindness and Listening* (Kuusisto, 2006), e *Have Dog, Will Travel* (Kuusisto, 2018) de Stephen Kuusisto. Todas essas narrativas tratam da experiência do caminhar com bengala. Como a bengala é, segundo Dickel (2022), um marcador visual da cegueira, esses autores se referem aos efeitos estigmatizantes do seu uso, embora Merleau-Ponty (2013) tenha sustentado posicionamento diferente em 1945. Todos eles também tratam da experiência de andar com um cão-guia e escrevem como suas percepções do mundo foram modificadas com base na relação simbiótica com seus cachorros (Dickel, 2022). Já na segunda parte do capítulo, o autor modifica a sua perspectiva para tratar do sentido auditivo, tendo como foco o livro de Kuusisto (2006) *Eavesdropping* e sob o viés da perspectiva fenomenológica de Don Ihde (2007), em *Listening and Voice: Phenomenologies of Sound*. Mais para o final do capítulo, Dickel (2022) estabelece relação com o tópico da cegueira racial e dos hábitos perceptivos racistas que atribuem crenças sobre raça a seres humanos embasadas em como a cor da pele é percebida. Para tanto, ele se pergunta como descrições da cegueira e pretitude no cinema negociam os processos da percepção. Ele faz aqui referência aos filmes de Guy Green (1965), *A Patch of Blue*; de Jim Jarmusch (1991), *Night on Earth*; e ao filme da nigeriana-alemã Sheri Hagen (2012), *Auf den Zweiten Blick*.

Ainda, ressalte-se que a conceituação do hábito, fundeada em Merleau-Ponty (2013), se refere aos movimentos corpóreos cotidianos, os quais são desempenhados inconscientemente. Igualmente, o termo “hábito motor” trata de como é feito o uso de novos objetos ou instrumentos e como eles são incorporados no esquema corporal de cada sujeito. Esse termo, lembra Dickel (2022), é

trabalhado por Merleau-Ponty (2013) com suporte no exemplo da bengala do cego, que cessa de ser um mero objeto, pois já não é mais percebida como um objeto por si só, à parte, mas é transformada em uma zona de sensibilidade. Ela aumenta o escopo e o raio da ação de tocar, tornando-se análoga à visão. A bengala foi introduzida na vida de Kuusisto quando ele tinha 39 anos. Para ele, a experiência de usar bengala foi estigmatizante, isso quer dizer, as pessoas saíam da frente dele para ele passar, assim como ele enfatizou o significado de ser percebido mais como cego do que por sua habilidade de navegar diferentemente pelo mundo (*apud* Dickel, 2022). Como argumenta Dickel (2022), as consequências diretas para a experiência vivida do uso da bengala e para o estar-no-mundo da pessoa cega não são refletidas por Merleau-Ponty (2013). Por outro lado, o uso da bengala publicamente foi experienciado por Kuusisto (1998) analogamente a “sair do armário” (p. 150). Na sua visão (1998), é como se ele desmantelasse hierarquias entre os que veem e os que não veem, trazendo a cegueira de uma categoria não marcada para outra marcada. Entretanto, o uso da bengala tem suas limitações, na medida em que Kuusisto (1998) confessa que precisaria de algo mais poderoso do que uma bengala, precisaria de olhos. Para ele, a simbiose com a bengala não sucedeu. Michalko (1999) também não experienciou o uso da bengala como algo positivo. O seu uso tornou claro o *páthos* da cegueira: um sinal de movimentos sem graça, um testemunho da vulnerabilidade, uma necessidade sem outra escolha. Ele faz referência direta a Merleau-Ponty (2013), asseverando que não experienciou a bengala como uma extensão do seu corpo ou parte dele mesmo (Michalko, 1999). Depois de suas experiências com a bengala, os autores decidem recorrer ao uso de um cão-guia. Apesar da experiência simbiótica ou de extensão entre a pessoa cega e o animal, que é contada, por exemplo, por Kuusisto (*apud* Dickel, 2022, p. 75-85), fato é que – e aqui se faz uma crítica – o animal acaba por ter uma vida totalmente voltada para o serviço e trabalho, meramente utilitária, sem chance de florescimento próprio.

Neste capítulo ainda, Dickel trabalha também a cegueira e a audição. Baseado na narrativa de Kuusisto (2006), *Eavesdropping*, ele faz reflexões de como o cego percebe o som e qual é o significado deste para aquele. Na narrativa de Kuusisto (2006), por exemplo, há analogia entre o prazer de escutar e o prazer de ver. Como esclarece Dickel (2022): “O uso do termo ‘visão de ouvido’ sugere que – semelhante a pessoas que enxergam e que traduzem o que veem em analogia ou metáfora – os cegos fazem o mesmo com o que ouvem” (p. 93).

Já na parte final do capítulo, Dickel (2022) vai, como já realizado no capítulo 2, estabelecer interrelação entre deficiência e visão racial. Para tanto, escolhe um outro meio de expressão artística, que é o cinema. Os filmes, aos quais o autor faz referência e já mencionados, foram dirigidos por Green (1965), Jarmusch (1991) e Hagen (2012). Esses três diretores tratam da prática da visibilidade em seus filmes. Eles empregam a cegueira para abordar a visão racial. Todos eles questionam a primazia do sentido visual quando se trata da atribuição de raça. Considera-se que esse tópico sobre “visão racial e filme” fica estruturalmente solto no livro. Embora, mais adiante, precisamente no capítulo 5, ele vá comentar outro filme, fato é que o foco central do livro parece propor uma fenomenologia crítica da deficiência, da pretitude e da homossexualidade com base em narrativas literárias, sejam elas ficcionais ou não ficcionais (no caso, livros de memórias), visto que a cada novo capítulo (do 2 ao 5), o autor escolhe dois a cinco livros de narrativas para abrir cada capítulo, os quais ele interpreta ao longo dele. Talvez – e aqui é uma defesa da proposta de Dickel (2022) – tenha sido sua intenção, justamente no capítulo 3, mostrar, por um lado, como a visibilidade da deficiência se associa à pretitude (ou vice-versa) num meio de comunicação que explora justamente um sentido excluído da situação existencial e do mundo de uma pessoa cega. Por outro lado, ele pôde estar tencionando mostrar, através de um meio de percepção visual, como o cinema, como o sentido visual marca epidermicamente pessoas pretas em espaços de estigmatização e exclusão sociais.

Além disso, fazendo uma leitura em conjunto dos capítulos 2 e 3, Dickel (2022) expande a base bibliográfica a cada capítulo, indo além da literatura primária de base fenomenológica, especificamente a de Merleau-Ponty (2013). Ele expande essa bibliografia em direção a uma bibliografia secundária que, em sua maior parte, trata de fenomenologia crítica, como já referido mais acima, mas também bibliografia concernente ao pós-estruturalismo e aos estudos críticos. O risco é uma expansão que pode acabar por perder o foco da fenomenologia seminal, a de Merleau-Ponty (2013), para abarcar outros posicionamentos e adentrar outros horizontes de conteúdo.

No capítulo 4, Dickel (2022) vai tratar da pretitude e da visibilidade. Sua base teórica é a fenomenologia materialista de Fanon (2008). O livro de memória trazido por ele é de Vincent O. Carter (1973), *The Bern Book: A Record of a Voyage of the Mind*. Carter trata da sua experiência como uma das únicas pessoas pretas a viver em Berna, na Suíça, durante os anos de 1950 e 1960. Ele trata de como os habitantes

brancos da cidade olhavam para ele. Descreve suas sensações físicas ao olhar racista branco e o seu próprio “contra-olhar” (*apud* Dickel, 2022, p. 115) como estratégia de emancipação. Carter (1973) alude a *Black Skin, White Masks* (2008)⁴. Fanon (*apud* Dickel, 2022, p. 121) reflete, entre outros, sobre a diferença provocada pela visibilidade; no caso dos judeus, sobre os estereótipos causados por ela. Com Carter (1973), ocorreu algo similar. O olhar, o ato de ser encarado por habitantes de Berna, trouxe-lhe sensações físicas desconfortáveis. Ele também se refere ao fato de ser chamado pejorativamente de “*Neger*” em alemão, que associou ao uso pejorativo de “negro” em língua inglesa devido à conotação histórica de discriminação e estigmatização nos Estados Unidos a afro-americanos. O esquema corporal de Carter, ao escutar essa qualificação, foi alterado, seu modo de caminhar entre as pessoas se modificou, seu andar se tornou pouco à vontade (Dickel, 2022). Recorrendo de novo a Fanon (2008), o homem preto tem dificuldade com a sua imagem, que é negativa. É uma imagem na terceira pessoa. Além disso, as ações motoras não se devem ao hábito, mas à cognição implícita. Essa é a construção do eu como um corpo no mundo espacial e temporal, na medida em que cria uma dialética entre o corpo e o mundo. Aqui, já se percebe uma crítica não só ao esquema corporal, mas também ao hábito, muito embora Fanon (2008) não cite Merleau-Ponty (2013). O esquema corporal é reduzido ao esquema histórico-racial e conseqüentemente ao esquema epidérmico racial. Entretanto, Dickel acentua que Fanon não rejeita as categorias básicas da experiência vivida, incorporação e esquema corporal, mas, sim, ao introduzir os termos “esquema histórico-racial” e “esquema epidérmico racial” (*apud* Dickel, 2022, pp. 124-125), ele revela os efeitos da objetificação do olhar lançado pelo homem branco. Isso se acentua na sociedade capitalista de consumo que constrói e reproduz mitos racistas, com base, por exemplo, em publicidade (Dickel, 2022).

Também é de notar aqui que Dickel pontua a argumentação de Carter (1973) sobre o poder de retornar o olhar para o homem branco, o contra-olhar, que retira o homem preto da invisibilidade e do conseqüente não reconhecimento. Esse, na visão de Dickel (2022), é também o objetivo do projeto de Carter (1973), cujo livro pode ser considerado como um ato de contra-olhar e também de luta por reconhecimento na linha de Axel Honneth, em ensaio já referido mais acima (2001).

⁴ O original em língua francesa é de 1952.

Por fim, ressalte-se a referência realizada por Dickel ao ensaio de James Baldwin (1953) intitulado “*Stranger in the Village*”. Em sua interpretação, o livro de Carter ecoa bastante o conteúdo do livro de Baldwin, sobretudo quando, em Paris, uma criança gritou em direção a ele: “*Neger! Neger!*” (Dickel, 2022, pp. 135-136), quando ele andava pelas ruas, e como essa qualificação racista ressoou nele. A diferença entre o livro de Carter (1973) e o ensaio de Baldwin (1953) é que o segundo recorre à história, ao colonialismo e à escravidão para embasar sua narrativa, enquanto o primeiro tem uma abordagem sustentada pela busca do reconhecimento social como resultado do contra-olhar (Dickel, 2022).

No capítulo 5, Dickel se debruça sobre o romance de Matthew Griffin (2016), *Hide*, que conta a história do casal Frank Clifton e Wendell Wilson, que se encontraram pouco depois da Segunda Guerra Mundial e permaneceram juntos por sessenta anos. O livro de ficção mostra como o casal fez uso, ao longo da vida, de estratégias para esconder a homossexualidade e a relação diante da possibilidade de insulto e perseguição social (*apud* Dickel, 2022). Como fundamento teórico, Dickel recorre a Didier Eribon (2004), *Insult and the Masking of the Gay Self*, tendo como elementos-chave o insulto e a experiência traumática e violenta, que trazem em si medo, insegurança e vergonha ao homem *gay*. Embora, na interpretação de Dickel, Eribon não faça referência a Merleau-Ponty (2013), fato é que sua teoria foi estruturada fenomenologicamente. Eribon se pergunta quais as sequelas da homofobia no corpo do *gay* e como ele habita o mundo. Para tanto, recorre a Goffman (1986), já referido, e ao livro de Pierre Bourdieu (1990), *The Logic of Practice*, assim como ao seu conceito de *habitus*, que incorpora a história e se torna uma segunda natureza. Eribon (2004) faz uso direto dessa concepção. É sobre esses dois fundamentos que Dickel (2022) vai interpretar a narrativa de *Hide*. Em sua interpretação, a teoria do *habitus* de Bourdieu ganha significado de contribuição para uma dimensão social que escapa às descrições fenomenológicas das experiências.

O romance *Hide* apresenta quais foram as estratégias utilizadas pelas personagens para serem vistas publicamente com uma identidade heterossexual não marcada. Como argumenta Dickel (2022), sob o subterfúgio de se esconder, o romance implicitamente aponta para a visibilidade e a saída do armário (*coming out*). Isso é importante, pois se pode estabelecer relação com a diferenciação feita por Goffman (1986), em *Stigma*, entre o descreditado e o descreditável com base na visibilidade. Enquanto o descreditado, no caso da homossexualidade, é

visivelmente marcado e pode ser percebido como estigmatizado, o descreditável pode receber a aceitação de si mesmo por outros indivíduos que têm preconceito contra homossexuais, caso ele revele a sua identidade para eles (Dickel, 2022). Essa diferenciação pode ser percebida no livro de Matthew Griffin (2016), pois Wendell e Frank formam um gueto psicológico através do relacionamento secreto. Eles empregam, durante toda a vida, sua energia para proteger o relacionamento do olhar exterior e da ameaça de serem insultados como *gays*.

Outro momento relevante é quando Dickel (2022) se refere a Axel Honneth (1995), desta vez a *The Struggle for Recognition*. Com base nas três formas de reconhecimento: amor, direitos e solidariedade, Honneth desenvolve os conceitos de autoconfiança, autorrespeito e autoestima. São esses três desenvolvimentos do reconhecimento que faltam às duas personagens do romance *Hide*.

Igualmente, Dickel trabalha a relação entre deficiência e homossexualidade. Aqui, ele comenta o romance de Armistead Maupin (1993), intitulado *Maybe the Moon*, que é uma ficcionalização da história da falecida atriz Tamara De Treaux, que foi uma pessoa com nanismo e que trabalhou com mais duas pessoas com deficiência no filme *E.T. – The Extra-Terrestrial* de Steven Spielberg (1982). A atriz, assim como a personagem do romance de Maupin, não foi reconhecida porque, assim como no caso da identidade *gay* no armário, nunca foi vista. Não houve entrevistas, fotos ou reconhecimento público tanto da personagem quanto da atriz na vida real, como sendo a pessoa que estava escondida na indumentária e no mecanismo que constituíam o extraterrestre. Além disso, Maupin (1993) constrói sua personagem principal, Cady, como uma personagem *gay*, embora ela fosse uma mulher heterossexual. Também é repetidamente deixado claro que Cady tem uma expectativa de vida curta, como foi a situação de muitos homens *gays* durante a década de oitenta, com o avanço do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). Cady deseja, ao longo da narrativa, sair do armário, da roupa/equipamento, em que se encontrava, quer se emancipar como também o desejam homens *gays*. No final do livro de Maupin (1993), em um evento, Cady arquiteta secretamente um plano para tirar a roupa da sua personagem no palco. Entretanto, a personagem sofre um ataque cardíaco um pouco antes de subir ao palco analogamente à história real de De Treaux, que morreu em 1990 de problemas cardíacos e respiratórios.

Na conclusão, Dickel (2022) retoma os pontos principais de cada capítulo e acentua que buscou mostrar o campo emergente da fenomenologia crítica e seu potencial para analisar as formas em que a cultura se impõe aos corpos materiais.

Arremata, argumentando que o construtivismo social e a experiência vivenciada devem ser abordagens teóricas a andar juntas e não ser compreendidas como incompatíveis. Ele particularmente vê a fenomenologia crítica como uma extensão do pós-estruturalismo.

Por todos esses aspectos relativos à estrutura, fundamentação e conteúdo, considera-se *Embodying Difference* (Dickel, 2022) um livro original que merece ser lido por acadêmicos e interessados em estudos empíricos com enfoque em grupos vulneráveis. Dickel mostra bastante fôlego em dialogar com diferentes perspectivas a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty (2013). O maior risco que ele correu foi abarcar uma literatura vasta, que perde profundidade em alguns momentos do seu escrito, assim como trazer não só a literatura, mas também o cinema, como ancoragens empíricas, para testar suas teses e diálogos. Poderia ter ficado com a primeira, já que o segundo apareceu timidamente ao longo da obra.

REFERÊNCIAS

Baldwin, J. (1989). *Stranger in the Village*. In T. Morrison (Org.), *Collected Essays* (pp. 117-129). Nova York: Library of America.

Beisser, A. R. (1989). *Flying Without Wings. Personal Reflections on Being Disabled*. Nova York: Doubleday.

Bourdieu, P. (1990). *The Logic of Practice*. Stanford: Stanford University Press.

Carter, V. O. (1973). *The Bern Book: A Record of a Voyage of the Mind*. Nova York: John Day.

Chevigny, H. (1947). *My Eyes Have a Cold Nose*. Londres: Michael Joseph.

Dickel, S. (2011). *Black/Gay: The Harlem Renaissance, the Protest Era, and Constructions of Black Gay Identity in the 1980s and 90s*. Michigan: Michigan State University Press.

Dickel, S. (2022). *Embodying Difference: Critical Phenomenology and Narratives of Disability, Race, and Sexuality*. Cham: Palgrave Macmillan.

Eribon, D. (2004). *Insult and the Making of the Gay Self*. Durham e Londres: Duke University Press.

Fanon, F. (1952). *Peau noire, masques blancs*. Paris: Éditions du Seuil.

Fanon, F. (2008). *Black Skin, White Masks*. Nova York: Grove.

Garland-Thomson, R. (1997). *Extraordinary Bodies: Figuring Physical Disability in American Literature and Culture*. Nova York: Columbia University Press.

Goffman, E. (1986). *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*. Nova York: Touchstone.

Green, G. (1965). *A Patch of Blue*. Metro-Goldwyn-Mayer Pictures.

Griffin, M. (2016). *Hide*. Nova York e Londres: Bloomsbury.

Hagen, S. (2012). *Auf den Zweiten Blick*. Barnsteiner-Film.

Honneth, A. (1995). *The Struggle for Recognition: The Moral Grammar of Social Conflicts*. Cambridge: Polity.

Honneth, A. (2001). Invisibility: On the Epistemology of 'Recognition'. *The Aristotelian Society Supplementary*, 75, 111-126.

Hughes, B. & Paterson, K. (199). The Social Model of Disability and the Disappearing Body: Towards a Sociology of Impairment. *Disability & Society*, 12(3), 325-334.

Ihde, D. (2007). *Listening and Voice: Phenomenologies of Sound* (2a ed.). Nova York: State University of New York Press.

Jarmusch, J. (1991). *Night on Earth*. Fine Line Pictures & Pandora Cinema.

Kuusisto, S. (2006). *Eavesdropping: A Memoir of Blindness and Listening*. Nova York e Londres: Norton.

Kuusisto, S. (2018). *Have Dog, Will Travel: A Poet's Journey*. Nova York: Simon and Schuster.

Kuusisto, S. (1998). *Planet of the Blind*. Nova York: Dial Press.

Linton, S. (2006). *My Body Politic*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

Maupin, A. (1993). *Maybe the Moon*. Londres: Black Swan.

Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard.

Merleau-Ponty, M. (2013). *Phenomenology of Perception*. Londres e Nova York: Routledge.

Michalko, R. (1999). *The Two-in-One: Walking with Smokie, Walking with Blindness*. Filadélfia: Temple University Press.

Murphy, R. (1987). *The Body Silent: The Different World of the Disabled*. Nova York e Londres: Norton.

O'Brien, M. (1990). On Seeing a Sex Surrogate. *The Sun*.
<https://www.thesunmagazine.org/issues/174/on-seeing-a-sex-surrogate-issue-174>

O'Brien, M., & Kendall, G. (2003). *How I Became a Human Being: A Disabled Man's Quest for Independence*. Madison: University of Wisconsin Press.

Sedgwick, E. K. (1990). *Epistemology of the Closet*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press.

Seymour, W. (1998). *Remaking the Body: Rehabilitation and Change*. Londres e Nova York: Routledge.

Shakespeare, T. (2006). The Social Model of Disability. In L. J. Davis (Org.), *The Disability Studies Reader* (2a ed.) (pp. 197-202). Nova York e Londres: Routledge.

Siebers, T. (2008). *Disability Theory*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

Spielberg, S. (1982). *E.T. – The Extra-Terrestrial*. Universal Pictures.

Turner, B. S. (2001). Disability and the Sociology of the Body. In G. L. Albrecht, K. D. Seelman, & M. Bury (Orgs.), *Handbook of Disability Studies* (pp. 252-266).

Thousand Oaks e Londres: Sage.

Ana Paula Barbosa-Fohrmann: Professora Adjunta da Faculdade Nacional de Direito (FND) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Direito (PPGD) da UFRJ. Doutora e Pós-doutora em Direito pela Ruprecht-Karls Universität Heidelberg. Doutora em Filosofia pela UFRJ. Coordenadora do Núcleo de Teoria dos Direitos Humanos, vinculado à FND/UFRJ e ao PPGD/UFRJ. E-mail: anapbarbosa@direito.ufrj.br.

Data de submissão: 04/01/2023

Data de aprovação: 31/08/2023